

O MISTÉRIO DA FRATERNIDADE

A chave do sucesso dos primeiros irmãos é que eles estavam juntos, profundamente juntos, solidamente juntos. O que acontecia a um deles, afetava a todo o grupo e todo o grupo reagia, agindo, tomando posição. Não sobreviveremos, não provocaremos nenhum impacto, se não seguirmos o mesmo caminho. Sozinhos, estaremos perdidos. Sozinhos nada podemos fazer. O sistema é poderoso demais. Juntos, porém, podemos mudar as coisas. Seremos uma grande massa? Certamente que não. Bem no começo eles eram um punhadinho de frades. Toda a revolução começa com muito pouca gente. O importante é lutar juntos. Não abandonar ninguém. Isso cria uma sociedade, isto é, um espírito de companheiros. As pessoas vivem juntas: um por todos e todos por um. A partir de então tudo se torna possível. Um mundo melhor ganha visibilidade. (Jean-François Godet-Calogeras, *Evangile Aujourd'hui*, n.220, p 28).

Nesse jubileu dos 800 anos do carisma franciscano estamos nos perguntando qual é, efetivamente, nosso lugar no mundo presente e nos dias do amanhã. Não se trata apenas de sobreviver, mas fazer de sorte que o carisma franciscano continue vivo e possa, por nosso intermédio, ser fermento de transformação da sociedade. Precisamos estar convencidos de que uma missão nos é confiada a partir do fascínio que Cristo exerceu sobre nós para que seguíssemos o itinerário franciscano. E o tema da fraternidade parece fundamental nesse contexto. Tememos adotar uma postura moralista ou moralizante. Temos sempre receio, talvez um certo pudor, de falar ou escrever sobre o assunto. Parece que tudo já dito e escrito. Para que abordar o tema mais uma vez? E, no entanto, estamos diante de elemento essencial para que o carisma franciscano possa ter sentido nesses nossos tempos. O título dessa nossa comunicação tomamos emprestado de Éloi Leclerc de seu antigo e sempre novo livro *Francisco de Assis. O retorno ao Evangelho* (Vozes/CEFEPAL 1983, P. 56). “Ao lado da mobilidade apostólica e da pobreza pascal, o que caracteriza essencialmente esta nova forma de vida evangélica são os novos laços humanos que existem no interior do próprio grupo. Liberta de qualquer feudo e senhorio, a comunidade franciscana rejeita qualquer tipo de dominação e de toda precedência nas relações dos frades entre si. Todos são igualmente irmãos. Encontramos aqui uma aspiração fundamental daquela época. A jovem comunidade é, no pleno sentido da palavra, uma fraternidade” E. Leclerc evoca um texto fundamental da Regra de 1221: “Nenhum irmão exerça uma posição ou cargo de mando, e muito menos entre os irmãos” (p.60).

Ninguém duvida que o Testamento que o Senhor Jesus nos deixou foi o de nos amarmos uns aos outros. Desde a nossa mais tenra juventude andamos buscando viver esse bem querer mútuo e acreditamos na fraternidade como um fermento de transformação da sociedade. Fala-se muito em nossos dias da utopia da fraternidade. “Como todos os sonhos de Deus, a fraternidade é dom, e ao mesmo tempo, responsabilidade que interpela nossa responsabilidade. Construir constantemente a fraternidade não é em primeiro lugar uma questão de horários e estruturas; supõe o acolhimento sincero do chamado do Senhor que nos arranca de nossas seguranças e nos impele a ousar, com lucidez e destemor, a viver aqui e agora, a utopia de fraternidade universal em nossa realidade concreta com os irmãos com os quais nos é dado viver justamente este hoje (Chamados à Liberdade, Documento do Secretariado Geral para a Formação e os Estudos da OFM, 2008, n. 10). A fraternidade está sempre em

construção. Precisa sempre ser revista e refeita. Nunca somos capazes de amar como o Senhor nos amou. A fraternidade é também mistério porque só saberão e poderão amar de verdade aqueles que permanecerem unidos ao Cristo ressuscitado. Os evangelhos do final do tempo pascal insistem no fato. O verdadeiro amor entre os homens não é um mero companheirismo, mas efeito da força do amor de Cristo em nós. Nunca poderemos reduzir o mistério do amor fraterno a esquemas de mero companheirismo. Os que se reúnem em torno de Francisco, os irmãos, são antes de tudo gente que foi invadida pelo amor daquele que deu a vida pelos seus.

Quanto mais o discípulo estiver unido ao tronco que é Cristo, mais frutos poderá dar. “Um sarmento não pode dar fruto por si só. Se não estiver unido à videira. Por isso, vós não podereis dar fruto se não estiverdes unidos a mim. Eu sou a videira e vós sois os ramos. Aquele que estiver unido comigo, produz fruto abundante. Separados de mim, porém, não podereis dar fruto (Jo 15, 4-5). Na existe uma fraternidade que não seja convocação feita e fundada no amor de Cristo. Assim, toda fraternidade evangélica é parábola do mundo fraterno que Deus quer que exista.

Ressoam sempre aos nossos ouvidos as palavras de Francisco em seu Testamento: “ E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu devia fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho” (14). Os que chegam às nossas casas são rapazes desejosos de seguir o Evangelho, como nós e constituem, com seu temperamento, seu caráter, sua história um presente que é dado à Fraternidade. Os homens se acolhem, oferecem a hospitalidade do interior, do coração. Os irmãos são um dom gratuito. Chegam de graça para enfeitar a vida da Fraternidade. Numa sociedade de consumo, em hediondas estruturas de manipulação, de opressão, de violência, de esquecimento do outro a Fraternidade franciscana é espaço de gratuidade. Não se trata de arrumar um ninho quente para os que já estão ou para os que chegam. Aliás, os que chegam exigem a Fraternidade possa ser um laboratório onde uns e outros se exercem para poderem ir pelo mundo dizendo o amor precisa ser amado e que o Lobo de Gúbio necessita ser domado. A fraternidade não pode ser um local sem vida. Entre os irmãos borbulhará sempre o anseio de se construir um mundo de irmãos.

Necessário sempre lembrar que a comunhão fraterna antes de ser instrumento de uma determinada missão, é um espaço teológico onde se pode fazer a experiência da presença mística do Cristo ressuscitado. Tal se realiza através da riqueza e da fragilidade dos relacionamentos fraternos. No seio de uma fraternidade de fé é possível reconhecer a beleza da vocação e sempre estar pronto a dar uma resposta de conversão. O Documento da Formação na Ordem, acima mencionado, diz: “Para crescer na fé e desenvolver sadios relacionamentos necessário se faz aprender a arte de assumir e elaborar serenamente a solidão ao longo das diversas etapas da vida. O Frade Menor reserva para si tempos e lugares de autêntico retiro, desejando antes de tudo ter o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar, para crescer na experiência de um encontro vivo e libertador com o Senhor. Nesta “solidão habitada”, o Irmão reelabora sua vivência pessoal e comunitária e é assim levado a não viver somente para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por nós (cf. Doc. Formação cit. n. 9)

Aquele que prefere suportar antes os ataques dos seus irmãos do que se separar deles, este persevera na verdadeira obediência, pois ele dá a vida por seus irmãos (Adm 3,9).

O irmão é um bem imenso. Os que querem viver o Evangelho à maneira de Francisco recusam de se separar deles. A vida cotidiana nos coloca diante de situações

delicadas. Muitos vivemos em fraternidades mais ou menos funcionais. Por vezes, o entendimento entre os irmãos inexiste. Francisco nos pede que tenhamos a coragem de dar a vida pelos irmãos. Os irmãos de dentro e os irmãos de fora. Apesar de todas as dificuldades temos plena consciência de que somos franciscanos. Franciscano é sinônimo de ser fraterno. “Francisco considerou sempre seus irmãos como um dom do Senhor que acolheu na fé. Foi compreendendo que era impossível viver e pregar o Evangelho sozinho. Viver o Evangelho com os irmãos é uma manifestação do Espírito que inspira a homens procedentes de todas as camadas sociais o desejo de “partilhar esta vida”. Para o pobre de verdade, a fraternidade evangélica será sempre muito mais do que um fenômeno psicológico. Ela brota do Espírito de Cristo. É dom do Deus vivo. Esta aventura, que não é feita à medida dos homens, deita suas raízes no acontecimento Jesus Cristo, morto e ressuscitado para reunir os filhos de Deus que estavam dispersos” (Michel Hubaut, OFM, El camino franciscano, Ed. Verbo Divino, Estella (Navarra), p.23).

Tivemos a preocupação de chamar atenção, logo no início destas reflexões, para o belo e exigente texto da Admoestação 3 de Francisco. O píncaro da vivência de amor fraterno é o dar a vida pelos irmãos. Tal se dá no dia-a-dia da vida da Fraternidade. Magistralmente as Constituições Gerais dos Frades Menores descrevem os elementos fundamentais da fraternidade franciscana em seus artigos 38 até 54. Tomamos a liberdade de enumerar, de maneira livre, o que aí aparece como diretrizes para uma vida em fraternidade. Não precisamos inventar preciosismos e formas exóticas e muito extraordinárias de vida fraterna.

Como filhos do Pai celeste, seguidores da forma evangélica revelada pelo Senhor a São Francisco, os irmãos levam vida fraterna em comum, não vivem isolados, amam-se, nutrem-se mais do que uma mãe ama e nutre seu filho carnal. Vivem juntos, comem juntos, trabalham juntos, rezam juntos e juntos vivem com os irmãos do mundo. O fraternismo se manifestará por meio da vivência de um espírito familiar, de mútua amizade, cultivando a cortesia e a jovialidade. Os irmãos, por si mesmos, são estímulo de esperança para os irmãos. Em Fraternidade, os irmãos, no início e ao longo da vida, deverão chegar à plena maturidade humana, cristã e religiosa. Os instrumentos existem como capítulo local, dias de estudo, jornadas de retiro, leitura, revisões de vida, a reflexão sobre as Fontes, as exortações que são dirigidas pelos Guardiães ou Ministros. Os frades crescerão em suas comunidades.

Os irmãos são diferentes uns dos outros: cultura, costumes, talentos. Cada um que chega é uma riqueza para os que já estão. Para os que chegam a riqueza dos irmãos que já fizeram parte da caminhada é estímulo e incentivo. Os irmãos serão aceitos como são e como iguais.

Nunca é demais repetir e insistir: todos os membros da Ordem são irmãos e são menores, menores de nome e de fato, mesmo que venham a exercer cargos, funções e ministérios diferentes. Sabiamente, as CCGG querem preservar os irmãos da tentação da preeminência, do julgar altaneiro, do assumir posturas dos que querem para si e se esquecem dos outros ou os colocam numa posição subalterna. De que precisamos mais?

A teia da vivência diária dos irmãos tem algumas características simples. Os irmãos se antecipam na mútua caridade, de boa vontade prestam serviços mútuos e se rejubilam com o sucesso dos outros.

“A vida de comunhão fraterna exige dos irmãos (...) a participação nos atos da vida da Fraternidade, sobretudo da oração em comum, da evangelização e dos trabalhos domésticos e a disponibilização, para utilidade comum, de todos os emolumentos que a qualquer título tenham recebido (cf. Art.42 § 2). Na vivência familiar, os irmãos não escolhem uns para serem “seus”. Há uma delicadeza de todos para com todos.

Na Fraternidade, os guardiães se ocupem dos irmãos, escutem a opinião e os desejos deles, procurem ouvi-los com sinceridade, sempre conservando sua autoridade para o bem da Fraternidade. “De boa vontade, os irmãos prestem ajuda aos Ministros e Guardiães, aos quais foi imposto um fardo maior, manifestem suas opiniões e, em espírito de fé e de todo o coração, executem suas decisões” (Art 45 § 3). Procurem dar satisfação aos irmãos de suas idas e vindas.

Delicadamente as CCGG abordam o sensível tema da correção fraterna: “Abstem-se os irmãos de toda ação que possa ferir a união fraterna. Contudo, se houver “um irmão que queira proceder carnalmente e não espiritualmente, os irmãos, com os quais está, admoestem-no instruem-no e o repreendam com humildade e diligência” (cf. CCGG Art.43; RB 6,9). Os ministros e guardiães haverão de zelar pelo bem espiritual dos frades. Nenhum deles pode se perder. Há cuidados a serem tomados, exortações a serem feitas, visitas a serem realizadas não por mera formalidade, mas porque o bem do irmão é importante demais e somos todos responsáveis uns pelos outros. Ou não?

Para proteger a vida familiar da Fraternidade, em todas as Casas observe-se a clausura de tal sorte que uma parte da Casa seja sempre reservada exclusivamente aos irmãos. Ali circulem, ali rezem, ali busquem viver em silêncio, ali se apresentem a Deus com o coração sincero.

Na questão das roupas, além do hábito, os irmãos atendam à pobreza e à humildade e se abstenham de tudo o que for vaidade. Um modo simples, decente, correto de se vestir, mas sempre não se desejando ser sócio privilegiado da hedionda sociedade de consumo.

Os irmãos pratiquem oportuna e amavelmente a hospitalidade com todos, mas especialmente com os irmãos e irmãs de toda a Família franciscana. Nossos hóspedes sejam bem recebidos e convidados a viver na Fraternidade. Certamente, nossas Casas não são hotéis baratos. Muitos frades foram profundamente marcados pelo bom exemplo dado por hospedeiros.

Para que a vida fraterna em Cristo Jesus se torne fermento de comunhão entre os homens, os irmãos recebam a todos com benignidade e tratem com benevolência os amigos e os adversários, quer quando venham a nós, quer quando precisamos ir ter com eles.

Os irmãos são obrigados a contribuir com os bens confiados à Fraternidade para socorrer as necessidades da Igreja, auxiliar os que se acham em reais necessidades e tornar os pobres participantes destes bens. Os pais dos irmãos, os benfeitores estejam sempre na oração dos frades e sejam socorridos em suas necessidades conforme os Estatutos particulares.

Assim, nossas Constituições Gerais desdobram os pormenores da vida em fraternidade dos frades menores. Celebrar os 800 anos do Carisma não pode consistir apenas em festejos ruidosos exteriores. Temos a sensação de que até agora nada fizemos. E que precisamos ser irmãos dos irmãos de dentro e dos irmãos de fora. Somos tecidos de fina malha da fraternidade que animou a vida de Frei Francisco.

1. Fazer-se irmão dos outros é certamente entrar no realismo pascal, ou seja de um povo em marcha, em êxodo na direção da luz, da unidade e da verdade. Urge aprender a construir a fraternidade no interior desta história de salvação que é um trabalho de redenção. Nenhuma fraternidade pode ser um “oásis celestial”, alheio à condição humana. Normal, pois que em toda fraternidade, como em todo povo que caminha, haja pessoas amargas, anciãos impotentes, homens fracos, pessoas difíceis...é uma porção de um povo a caminho da luz. Precisamos cuidar de não idealizar a fraternidade criada por Francisco. Correríamos o risco de transformá-la num mito . Se

lemos com atenção as biografias franciscanas, nos damos conta de que apesar de sua intenção clara de edificá-la, nem tudo foi tão idílico como alguns imaginam. Francisco viveu também a fraternidade como um lugar pascal. Encontrou nela suas maiores alegrias e seus maiores sofrimentos. A fraternidade foi o lugar onde o pobre de Assis entrou na verdadeira pobreza evangélica.

(Michel Hubaut, El camino franciscano, Ed. Verbo Divino, Estella (Navarra, p.34).

A novidade que Jesus Cristo trouxe com sua pregação a todos os povos, a Boa Nova que Francisco descobriu no Evangelho, foi esta: nosso Deus é um Deus Pai, Pai de todos os homens e todos os homens são seus filhos. Se Deus é nosso Pai, todos nós, criados à sua imagem, somos seus filhos e irmãos entre nós. Temos o mesmo Pai e por meio de Jesus, nosso irmão, somos membros da mesma família. Esse é fundamento da fraternidade que não pode ser perdido de vista.

Somos todos convidados a viver o Evangelho na fraternidade e no mundo. Trata-se de um serviço a ser prestado aos irmãos. Os irmãos servem os irmãos dentro e fora da fraternidade. Esse serviço é gratuito. Situa-se longe da mentalidade hodierna do “dou para receber”. Ou do: “Quanto levo nisso?” Viver o fraternismo quer dizer fazer de sua vida uma prestação de serviços desinteressada, simples, consciente e corajosa. Tal serviço será feito na liberdade do amor. Vivemos numa fraternidade local, pertencemos à fraternidade provincial, engrossamos as fileiras da fraternidade da Igreja e sentimo-nos solidários na fraternidade universal dos seres humanos e do cosmos, sempre servindo. Servimos fraternalmente o frade doente, lavamos seu corpo, compramos remédio para ele. Servimos a Igreja com nosso serviço missionário. Servimos o mundo defendendo a irmã água que é pura e casta e se destina aos homens de hoje e de amanhã.

Uma modalidade de serviço é aquela de carregar os fardos uns dos outros. O irmão não é um objeto a ser dominado, mas uma pessoa que precisa ser apoiada. Carregamos o irmão, como Cristo nos carregou. “Ele carregou nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores. E nós o consi-derávamos como alguém castigado, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi traspassado por causa de nossas rebeldias, esmagado por causa de nossos crimes; caiu sobre ele o castigo que nos salva e suas feridas nos curaram” (Is 53, 4-5). Francisco experimenta o êxtase diante de Cristo, irmão que dá a vida pelos seus: “Irmãos todos, prestemos atenção ao Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas, suportou a paixão da cruz” (Adm 6). Por causa dos irmãos, Cristo suportou a paixão da cruz! Por causa dos irmãos carregamos o irmão de nossa fraternidade, levamo-lo com coragem. Não importa o que tenha cometido, como seja, como costuma reagir. Conhecemos o teor da Carta a um Ministro: “E nisso eu quero reconhecer se tu amas o Senhor e a mim, servo dele e teu, se fizeres isto: não haja no mundo irmão que pecar, que, após, ter visto teus olhos, nunca se afaste sem a tua misericórdia, caso buscar misericórdia”.

Há o serviço fraterno do bom exemplo. Os irmãos podem crescer como cristãos e frades vendo o bom exemplo de outros irmãos. O exemplo cala mais do que as palavras. O frade consegue servir com seu bom exemplo quando entra, de verdade num movimento de metanóia, de silenciamento das próprias paixões e das más inclinações. “A vida fraterna não se constrói com discursos, nem é fruto da apologia da fraternidade. Fundamenta-se no exemplo daquele que está disposto ao sacrifício, de quem supera a relutância da própria natureza diante das obras que solicitam renúncia, esforço e fadiga...” “A vida fraterna é resultado de um testemunho humilde e simples, depende da disponibilidade pessoal de alguém que está disposto a desaparecer como o grão de trigo; é limite nunca definitivamente atingido pela heroicidade cotidiana” .

Pode-se falar também do serviço fraterno do diálogo. O diálogo brota de um amor que é capaz de acolher e que dá ao outro possibilidade para revelar-se. O diálogo não é uma conversa superficial, nem exibicionismo dialético, nem discussão e nem mesmo simples troca de opiniões. O serviço fraterno do diálogo é uma atitude interior, uma maneira de colocar-se da pessoa frente aos outros, caracterizado pelo desejo de compreender e fazer-se compreender para chegar à mútua aceitação. Não seria o verdadeiro diálogo a postura correta para o entendimento fraterno em nossos capítulos locais?

Os que vivem juntos manifestam confiança e estima. Não fazem isto por mera benevolência. O irmão exige de mim tais atitudes. O irmão merece atenção pelo valor de sua pessoa. “Ter estima pelo irmão quer dizer venerar esse mesmo irmão, e reconhecendo nele um sacramento de Cristo.

O serviço fraterno supõe consciência de nossa mútua dependência, da necessidade de uns pelos outros e significa superação da auto-suficiência individualista. Os irmãos trocam as próprias experiências e necessidades. Chegam sempre aos nossos ouvidos. Essas admiráveis e instigantes reflexões de Francisco: “E onde quer que se encontrarem os irmãos, mostrem-se mutuamente familiares entre si. E com confiança um manifeste ao outro a sua necessidade...” (RB 6,7-8).

Podemos ainda mencionar o serviço fraterno na sinceridade e lealdade. Os que ingressamos no caminho de conversão, na transformação da vida queremos chegar à verdade. Sabemos que somente esta última liberta. Trata-se da autenticidade vivida pelo irmão e manifestada nos relacionamentos fraternos. Quando os irmãos “ocultam” uma parte de sua vida, a vida em fraternidade se torna inviável. Não se pode viver a fraternidade franciscana plenamente com meias verdades.

Obs.: Muitas das reflexões destas páginas foram inspiradas no capítulo sobre a fraternidade do Manuale per l’assistenza all’OFS e allá Gifra da Conferência dos Assistentes Gerais da OFS, publicado em Roma em 2006, p. 82-87.